

KIRIHARA, Nayara Mika Kussaba*
<https://orcid.org/0000-0002-8352-0516>

DA SILVA, Giovanna Nogueira**
<https://orcid.org/0009-0005-2619-2201>

DA SILVA, Renato Bilotta***
<https://orcid.org/0000-0002-9184-6233>

RESUMO: O presente artigo analisa o surgimento do samba paulistano através das territorialidades negras formadas na primeira metade do século XX a partir do fluxo migratório de diferentes personalidades originárias da cidade de Pirapora do Bom Jesus. Para tal, é apresentado o debate sobre territórios e territorialidades, contextualizando o desenvolvimento do samba paulistano entre as décadas de 1930 e 1940 em bairros operários como Barra Funda e Bexiga/Bela Vista, marcados pela significativa presença de negros e pardos no período pós-abolição. Tal interação criou um samba urbano com características únicas que se distanciava tanto do samba rural existente no interior paulista quanto do samba urbano originário no Rio de Janeiro. Por fim, debate-se sobre as implicações da urbanização do samba rural em consonância com o processo de urbanização social.

PALAVRAS-CHAVE: Samba; São Paulo; Territorialidades negras.

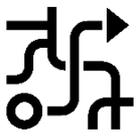
ABSTRACT: This article analyzes the emergence of samba from São Paulo through black territorialities shaped in the first half of the 20th century from the migration flow of different personalities originating from the city of Pirapora do Bom Jesus. To this end, the debate on territories and territorialities is presented, contextualizing the development of samba from São Paulo between the 1930s and 1940s in working-class neighborhoods such as Barra Funda and Bexiga/Bela Vista, marked by the significant presence of black and brown (“pardo”) people in the post-abolition period. This interaction created an urban samba with unique characteristics that distanced itself from both the rural samba existing in the interior of São Paulo and the urban samba originating in the city of Rio de Janeiro. Finally, the implications of the urbanization of rural samba in consonance with the process of social urbanization are discussed.

KEYWORDS: Samba; São Paulo; Black territories.

* Bacharela em Relações Internacionais e Bacharela em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Mestranda em Estudos Culturais pelo Programa de Pós-Graduação de Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP EACH).

** Bacharela em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC (UFABC).

*** Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do ABC (UFABC) e Bacharel em Ciências e Humanidades pela mesma instituição.



1. INTRODUÇÃO

Pode-se considerar que o samba é tido, nacionalmente e internacionalmente, como o gênero musical brasileiro de maior expressão, sendo reconhecido por acadêmicos e populares como a representação máxima de uma identidade cultural genuinamente brasileira (Amaral, 2009, p. 10). Sua estrutura melódica e rítmica é facilmente distinguível de outros gêneros musicais. O surgimento e desenvolvimento do samba está intimamente atrelado a uma série de práticas sociais e representações subjetivas associadas a populações negras marginalizadas durante o período pós-abolição e da Primeira República (1889-1930), permitindo que indivíduos pudessem se integrar em grupos sociais de forma duradoura e contínua, não apenas durante o período carnavalesco.

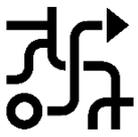
Dessa forma, faz-se relevante perceber o contexto histórico e social do samba, sua retratação espacial e os significados dos territórios demarcados por sambistas. Assim, no presente trabalho, buscamos compreender essa manifestação tida como uma das identidades culturais brasileiras mais célebres, além de relacionar seus diferentes usos e desenvolvimentos na cidade de São Paulo.

A ancestralidade africana, o confinamento em senzalas, as reformas urbanas, as religiões de matriz africana, a formação de periferias e a criação de escolas de samba são todos elementos que podem ser considerados inerentes à fundamentação territorial, social, histórica e musical de São Paulo.

Assim, o presente artigo abordará a conceitualização do território, as transformações ocorridas na cidade de São Paulo no século XIX para o século XX, a formação do samba paulista rural e sua transição para a área urbana. O objetivo principal deste trabalho é investigar, de maneira teórica e metodológica, a utilização do território e da cultura por sambistas, evidenciando os mecanismos pelos quais essas práticas sociais e subjetividades atuam através da pesquisa bibliográfica de autores e textos selecionados.

2. AS ORIGENS DO SAMBA

De acordo com Souza (2021), a palavra “samba” existe na língua portuguesa, ao menos, desde o século XX e era originariamente empregada para designar uma “dança popular” ou um “bailado popular”. Progressivamente, seu significado foi estendido a uma “dança de roda semelhante ao batuque” e também a um “gênero de



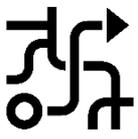
canção popular”. Assim, o samba é considerado um gênero musical brasileiro que se originou entre as comunidades Afro-Brasileiras urbanas do Rio de Janeiro no início do século XX, com raízes na expressão cultural da África Ocidental e nas tradições folclóricas brasileiras, especialmente aquelas ligadas ao samba rural primitivo dos períodos colonial e imperial. Até hoje, é considerado um dos mais importantes fenômenos culturais e um dos símbolos do Brasil (Souza, 2021).

Azevedo (2012), ao considerar como a experiência da Diáspora e do Mundo Atlântico recompuseram valores, saberes e fazeres, diz que a Zona do Atlântico possibilitou a formação de redes de contato entre diferentes Áfricas, Europas e Américas constituindo uma teia multifacetada onde o Atlântico Negro se expandiu na Modernidade. Ademais, o autor salienta que entre os séculos XVI e XIX o Oceano Atlântico se configurou como um espaço líquido pelo qual as redes de comunicação entre as Áfricas (sua porção ocidental e oriental), as Europas (região central e o Mediterrâneo), as Américas e especificamente o Brasil se fizeram constantes.

Mesmo com o fim do tráfico humano, da escravidão e com o pós-colonialismo, os registros culturais dos povos do continente africano não se apagaram. Nem tudo foi desagregado com a tentativa de dominação cultural. Isso se deve às evidências históricas na contemporaneidade que nos mostram a permanência dessa cultura que foi ressignificada em terras americanas e brasileiras (Azevedo, 2010, p. 5).

Mestrinel (2010) argumenta que cada etnia africana trouxe aspectos culturais e musicais que, no Brasil, passaram a ter interligação, sobretudo nas regiões com maior concentração de escravos. O autor salienta que esse fenômeno ocorreu primeiramente na Bahia, depois no Rio de Janeiro e nas outras regiões como São Paulo e Minas Gerais. Sendo que, na capital fluminense o gênero se configurou por um caráter urbano, enquanto o paulistano fundamenta-se a partir de festas de caráter religioso-profano das cidades interioranas. De acordo com Bastos (1996), a discussão sobre a origem do samba é marcada pela polêmica do começo do século entre baianos e cariocas acerca da primazia da invenção do gênero. Com a abolição da escravatura, em 1888, a migração de afro-baianos para o Rio de Janeiro se fortaleceu, reforçando uma tendência originária da primeira metade do século XIX.

Souza (2021) salienta que o processo de formação do samba, como gênero musical, teve seu início na década de 1910, com a obra “Pelo Telefone”, lançada pela Odeon em 1917, o seu grande marco inaugural. A classificação da obra como samba



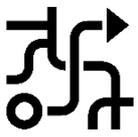
possui algumas observações, feitas pelo autor (p. 4): “apesar de identificado por seus criadores, pelo público e pela indústria fonográfica como “samba”, esse era muito mais ligado do ponto de vista rítmico e instrumental ao maxixe do que ao samba propriamente dito”.

O autor ainda discorre que, no final da década de 1920, o samba se estruturou como é conhecido hoje. O samba do período trazia inovações no ritmo, na melodia e também em aspectos temáticos. Nesse processo de estabelecimento como expressão musical urbana e moderna, o samba, principalmente o carioca, contou com o papel decisivo das escolas de samba, responsáveis por delimitar e legitimar definitivamente as bases estéticas do ritmo e do rádio, que contribuíram na difusão e popularização do gênero e de seus intérpretes da canção. Assim, o samba alcançou grande projeção em todo Brasil e se tornou um dos principais símbolos da música nacional brasileira. Desta forma, é válido elucidar que “outrora criminalizado e visto com preconceito por suas origens afro-brasileiras, o gênero de canção também conquistou respaldo entre integrantes das classes mais favorecidas e da elite cultural do país” (Souza, 2021, p. 5).

Nos anos 1930, o samba atinge as camadas médias urbanas do país e a discussão sobre sua origem é retomada em torno da pulsação entre o morro e a cidade. De acordo com Bastos (1996), “morro” indica as favelas do Rio, a então capital do Brasil, que passava por grandes transformações urbanas como centro econômico-político do país, atraindo grandes levadas de migrantes pobres. Já o termo “cidade” indica as camadas afluentes da cidade em questão e dos habitantes de suas regiões nobres, aquelas com poder e influência no estado. Os dois polos, nas discussões então correntes sobre a origem do samba, “apontam lugares sócio-culturais irreconciliáveis, com suas posturas ideológico-políticas antagônicas” (Bastos, 1996).

Nos anos 1950, a disputa entre samba e samba-canção deslocou o conflito mais explicitamente para o plano da etnicidade, o samba-canção foi acusado de “samba branqueado”. Com a bossa nova, na década de 1960, a polêmica seguiu novos rumos com a dicotomia novo/velho (Bastos, 1996).

Já em relação à cidade de São Paulo, de acordo com Azevedo (2010), no pós-abolição entre as décadas de 1930 e 1940, as novas formas de sociabilidade, como a vivência em rodas de sambas, a instituição de cordões e escolas carnavalescas, a frequência de salões de dança, significaram estratégias para resistir culturalmente na



cidade. A partir da década de 1950, essas atividades culturais, sociais e educacionais foram centro de concentração e ação dos afro-paulistas em suas atenções e ações para reivindicar direitos, igualdade racial e sua herança cultural afro-brasileira.

Alguns aspectos das culturas de povos bantos da África Central permaneceram na musicalidade e na experiência social de artistas, como Geraldo Filme¹, e foram ressignificadas no espaço urbano da cidade. Dessa forma, esses traços culturais foram fundamentais na construção de uma cultura afro-paulista com especificidades e marcas singulares em relação a outras culturas. O samba como projeto de vida permitiu também refletir sobre as conexões com o mundo atlântico² ligado à África (Azevedo, 2010).

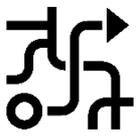
2. A CONCEITUAÇÃO DE TERRITÓRIO E DE TERRITORIALIDADE

Contemporaneamente, o debate acerca do território está intensamente articulado entre diferentes concepções dentro da grande área das ciências sociais, o que implica a necessidade de impor um referencial teórico a fim de balizar as análises científicas. Por tal motivo, utilizamos as categorias de território simbólico e funcional apresentados por Haesbaert (2004) como guia analítico de nossas reflexões em relação às transformações no samba paulista(no).

Se na concepção do autor o território é um espaço apropriado por relações de poder entre grupos sociais, podendo ter uma conotação funcional-material ou simbólica-social, devemos nos atentar ao caráter múltiplo deste território, uma vez que diferentes grupos se apropriam de um determinado espaço de diferentes maneiras (Haesbaert, 2004). Poderíamos pensar no samba como uma forma de apropriação espacial por grupos sócio-raciais marginalizados que, ao exercerem suas identidades, “marcam” a região onde se concentram, imprimindo uma identidade cultural particular, popularmente chamado também de “cara”, ao lugar que residem. Será útil pensar nestes termos tendo em vista as origens interioranas do samba paulista remetentes à cidade de Pirapora do Bom Jesus e a sua posterior introdução na cidade de São Paulo no início do século XX (Dozena, 2009; Marcelino, 2007).

¹ Geraldo Filme (1927 - 1995) foi um compositor sambista de grande fama que teve a cidade de São Paulo como grande referência em suas composições (Azevedo, 2014).

² Azevedo (2012) utiliza o termo “mundo atlântico” de Gilroy (2001) para nomear as formas culturais originadas, mas não exclusivas, das populações negras dispersas nas Américas nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória.



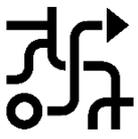
A seguir será abordado como se deu o samba paulista, bem como as especificidades que levaram a região de Pirapora a ser um polo irradiador de sambistas conhecidos posteriormente, tal como Geraldo Filme, por exemplo.

3. TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Na virada do século XIX para o século XX, São Paulo se configurou por um padrão de segregação urbana marcado por uma espécie de "zoneamento social", onde os mais ricos abandonaram as regiões centrais da cidade para locais de privacidade e exclusividade burguesa (Rolnik, 1989). A população negra se concentrava em cortiços e porões do chamado "Centro Velho", atual distrito Sé (Rolnik et al., 2014), enquanto núcleos surgiam próximos às novas zonas ricas da cidade. A maioria dos novos bairros proletariados que surgiram na cidade eram habitados por imigrantes estrangeiros, entretanto, o bairro do Bexiga, frequentemente também chamado de Bixiga, e o bairro da Barra Funda também abrigavam núcleos negros. É válido elucidar que, no início do século, os bairros Lavapés e Barra Funda eram as regiões mais negras da cidade (Rolnik, 1989).

Em suas habitações coletivas moravam as tias negras e seus clãs, que praticavam o jongo, macumba ou samba de roda como extensões da própria vida familiar; pouco a pouco esses batuques familiares foram se transformando em cordões de carnaval (Rolnik, 1989, p. 6-7).

Na São Paulo de 1890, surgem os territórios negros específicos, chamados de quilombos urbanos, que passam a ter fama de desclassificados e serem relacionados à imagem de marginalidade nas regiões do entorno do que hoje é conhecido como "Centro Velho". Os quilombos urbanos enfrentam problemas, tais como o reconhecimento de sua identidade fora da ruralidade (Hengler; Salvador, 2014). Durante o período de escravidão, o negro morava próximo de seus senhores e, no período posterior à abolição, com o desenvolvimento industrial e transformações urbanas na cidade de São Paulo, a população negra e os chamados "nacionais" (os pobres da cidade, os caipiras etc.) se tornaram "indesejáveis" e, aos poucos, foram sendo expulsos da região central, bem como, privados do mercado de trabalho através de políticas higienistas perpetuadas pelos detentores do poder econômico, social e cultural para conduzir tais transformações.

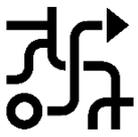


As elites aristocráticas ligadas à produção cafeeira e a nascente indústria urbana possuíam o poder de definir quem deveria ocupar os espaços adequados ao novo momento e quem não era considerado compatível com o novo padrão de uma “grande e próspera cidade”, que deveria se parecer com as cidades europeias. A partir deste processo de mudanças estruturais, a cidade vai se definindo territorialmente e as classes sociais vão sendo posicionadas, além disso, a partir desse processo de desterritorialização da população negra, vão surgindo outros territórios que acolhem essa população como resistência ao processo de expulsão (Silva, 2006; Rolnik, 1989).

De acordo com Neres (2023), observa-se que, desde o período colonial, numerosas práticas e políticas de branqueamento da população foram incentivadas pela imigração europeia durante o século XX. Essas políticas buscavam extinguir a qualquer custo todos os vestígios de práticas negras, utilizando-se de instrumentos legais e de controle social. O autor ainda destaca como o planejamento urbano no Brasil se revela racista. As reformas urbanas empreendidas no início do século XX pelo prefeito Francisco Pereira Passos, no Rio de Janeiro, e pelo prefeito Antônio da Silva Prado, em São Paulo, são exemplos emblemáticos de tentativas de eliminação dos vestígios negros através do processo de eugenia, instaurando um método excludente de planejamento urbano.

A reforma urbana, chamada de “bota-abaixo”, liderada pelo prefeito Francisco Pereira Passos entre 1903 e 1906, visava modernizar o Rio de Janeiro, transformando-o na “Paris dos trópicos”. O projeto incluiu a construção de novas infraestruturas e a demolição de cortiços e áreas de convivência negras, como a “Pequena África (lugar histórico da comunidade negra na zona portuária carioca)”. Como resultado, a população negra foi deslocada do centro histórico e do cais do Valongo para os morros da zona sul e regiões periféricas, iniciando um processo de dispersão e marginalização nos subúrbios cariocas (Neres, 2023).

Assim, como parte do esforço de exclusão territorial do processo exposto por Neres (2023), reformas urbanas conduzidas pelo prefeito Antônio da Silva Prado em São Paulo, entre 1899 e 1911, também resultaram na expulsão de negros que viviam no triângulo histórico e na região sul da Praça da Sé, áreas majoritariamente negras na virada do século. Ainda de acordo com o autor, “o sul da praça da Sé era tido como um território popular e negro até o final do século XIX, local de moradia predominante da classe trabalhadora e de escravos urbanos”. Essas populações foram forçadas a



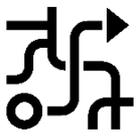
se mudar para as várzeas dos rios Tamanduateí, Tietê, Anhangabaú e Saracura. Esse deslocamento resultou em novas territorializações, evidenciando a incapacidade do Estado de oferecer condições adequadas de sobrevivência à população negra no período pós-abolição.

4. O SAMBA PAULISTA RURAL

A senzala, ambiente que representava a submissão à brutalidade dos senhores escravocratas e um símbolo de segregação e controle, também representou o florescimento de afirmação e solidariedade que foi capaz de fundamentar uma comunidade, cujo único laço em comum era a ancestralidade africana. Rolnik (1989) aponta a senzala como um dos suportes mais sólidos do repertório negro que celebrava sua relação comunitária e, através disso, a memória coletiva pode ser transmitida e ritualizada. Desta rede de apoio mútuo e preservação da memória histórica dos indivíduos, “o terreiro passou a ser um elemento espacial fundamental na configuração dos territórios negros urbanos: são terreiros de samba, de candomblé, de jongo que atravessam a história dos espaços afro-brasileiros nas cidades” (Rolnik, p. 2).

O núcleo do espaço rural se dava no centro da cidade, onde a configuração territorial está presente até hoje nas cidades do interior de pequeno porte, geralmente na praça matriz, onde está localizada a igreja, o coreto e o comércio. A praça, como espaço público, sempre foi o palco para as manifestações sociais-coletivas que, em sua maioria, eram mediadas pela igreja. Muitos membros da população negra pertenciam às irmandades católicas, como Rosário e São Benedito, suas manifestações sempre continham músicas que eram sambas de exaltação ao santo padroeiro. Como centro da vida social da cidade, a igreja também detinha patrimônio, por doações, e se mantinha no centro do núcleo urbano das pequenas cidades do Brasil (Marcelino, 2007, p. 20-22).

No século XIX, com a introdução da cultura cafeeira no centro-oeste do estado de São Paulo e no Vale do Paraíba, inicia-se o ciclo da presença negra na cultura paulista (Dias, 2010, p. 2). A cidade de Bom Jesus de Pirapora, a partir da segunda metade do século XIX, foi um importante local de encontro da população negra, que entrou em decadência em decorrência da proibição definitiva do samba nos barracões onde os negros se encontravam em festividades promovidas pela igreja católica no

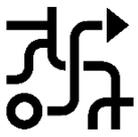


ano de 1937. Apesar de já haver a presença do samba em algumas áreas da cidade de São Paulo, é a partir das influências rurais provenientes do interior do estado, como o batuque e a umbigada, que o samba é instaurado na cidade. Essas influências são primeiramente manifestadas nos ranchos e posteriormente nos cordões carnavalescos. O samba representava para os negros uma forma de conforto da situação de cativo e atuava como estética para a criação artística, para o suprimento das necessidades emocionais e para a reafirmação dos valores dos escravizados, além de destoar do discurso oficial da época e incomodar pelo tipo de musicalidade que trazia (Dozena, 2009, p. 5).

Assim, as festas de Pirapora do Bom Jesus, onde surgiram as primeiras práticas do samba rural, são creditadas por originarem o samba paulista com suas derivações de batuques, umbigadas e tiriricas, realizados por famílias negras. Anualmente, essas famílias seguiam em comitiva para a cidade de Pirapora do Bom Jesus, onde figuras fundantes do samba paulistano, como Geraldo Filme, Madrinha Eunice e Seu Carlão do Peruche, foram batizadas nos barracões do samba. Além dos festejos em Pirapora do Bom Jesus, as famílias negras costumavam batizar seus filhos na religião e no samba. Um desses ilustres filhos é Fernando Penteadado, baluarte e griô da Vai-Vai, que nos conta parte da história do Bixiga (Neres, 2023).

Segundo Marcelino (2007), para além de sua origem africana, o samba não possui uma única faceta ou definição. O conceito se constitui de matizes, com tipos dos mais variados, que obtêm certas características que dão ao termo “samba” uma infinidade de formas de ser representado. Pode-se observar nas centenas de cidades brasileiras onde é praticada a “cultura do samba” as mais diferentes formas dessa manifestação cultural, destacando-a como parte importante da cultura brasileira. O autor destaca o “samba de bumbo”, também chamado de “samba caipira” ou “samba rural”, que envolvia o uso do instrumento de origem ibérica bumbo. Outra variação de samba exemplificada pelo autor é a que se deu pelo uso do instrumento conhecido como frigideira do samba rural paulista, que também já era utilizado no Rio de Janeiro.

De acordo com Azevedo (2012, p. 66), entre as décadas de 1930 e 1950, a população negra mestiça de São Paulo praticava o samba e o carnaval como forma de diversão e como modo de viver. “Não havia ainda uma intencionalidade voltada para a organização sistemática do carnaval, como competições, fantasias e sambas-enredo”, vinham de diferentes partes e se reuniam na região da Praça da Sé, entre as



ruas João Mendes, Direita e Quintino Bocaiúva apenas para brincar o carnaval. Desta forma, a cidade se urbanizava e recebia a contribuição dos negros vindos das cidades interioranas.

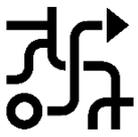
O samba surge como resistência à condição socioeconômica vivenciada pelos negros de São Paulo. Os escravizados que saíram das áreas rurais traziam consigo a tradição do batuque rural, que foi sendo incorporado ao samba no contexto urbano, nos três territórios/bairros negros da primeira metade do século XX: Bexiga, Baixada do Glicério e Barra Funda (Simson, 1989 apud Dozena, 2009).

O bairro do Bexiga foi de grande importância em questão de moradia para a população negra recém-alforriada (Dozena, 2009). A região de origem do bairro Bexiga também era conhecida como o quilombo urbano da Saracura que surge às margens do córrego Saracura, um sítio histórico. A Saracura se tornou Bixiga e o Bixiga se tornou Vai-Vai – a mais popular e tradicional escola de samba de São Paulo. Originada do time de futebol e cordão carnavalesco Cai-Cai, em 1930, a agremiação se oficializou em 1972 como Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai (Neres, 2023).

No bairro que se formou o “Quilombo do Saracura” havia a convivência entre segmentos raciais e étnicos heterogêneos, como a coinfluência entre a cultura italiana e a cultura negra, aspecto também relacionado a configuração do samba paulistano. Além desse bairro, a população negra também se estabeleceu em outros bairros acompanhando a dinâmica econômica que ocorria na cidade de São Paulo. É no contexto desse processo de declínio da economia cafeeira e de incentivo de migração das famílias negras da zona rural para a capital que o samba se consolida a partir de matrizes rurais trazidas por essa população (Dozena, 2009).

Dozena (2009) aponta que nas regiões em que se concentraram as famílias de negros existiam pontos de encontro que marcavam as relações sociais e o processo de resistência na época. É importante ressaltar que nessas regiões surgiram uma grande concentração de cortiços como forma de moradia coletiva, para qual grande parte da população negra se deslocou, controlados por proprietários que mantinham vigilâncias sobre seus costumes.

Dozena (2009) ressalta que, na fundação da Associação Aristocrata Clube no bairro de Santo Amaro, em 1961, a população negra da classe média e da classe alta era impossibilitada de frequentar os clubes de elite da cidade. O processo de reformas

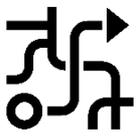


urbanas e gentrificação espacial levaram à expulsão da população negra para locais então remotos, concomitantemente que as escolas de samba começaram a ganhar força nesses mesmos bairros periféricos. Com esses novos arranjos nas periferias, se estabelecem pontos de encontro das escolas de samba, campos de futebol de várzea, das rodas de capoeira, dos terreiros de candomblé e umbanda. A partir desse cenário, a população negra passa a traduzir as suas manifestações em cultura popular, através dos cordões carnavalescos em escolas de samba voltadas ao espetáculo, essas mudanças consolidam o samba como parte do “mercado cultural de massa” (Dozena, 2009, p. 18-19).

5. A TRANSIÇÃO DO SAMBA PAULISTA RURAL PARA O SAMBA PAULISTANO URBANO

A partir da descrição anterior, podemos pensar que o samba paulista tinha um forte aspecto de uma cultura *folk* (Mussolini, 2009), marcado por festas populares paralelas aos festejos religiosos promovidos pela população que se congregava na cidade de Pirapora. Nesse território, utilizavam o espaço para dançar e reencontrar amigos e familiares que vinham apenas para as festas. Tal costume, contudo, foi sendo perdido à medida que eram impostas proibições à “festa profana” por parte da igreja com apoio do poder público na década de 1930. A igreja deteve seu papel central nas cidades do interior de pequeno porte e a cidade de São Paulo não foi diferente, mas com sua transformação em metrópole, a igreja não conseguiu manter-se como núcleo central dos bairros, pois a multacentralidade se impôs (Marcelino, 2007, p. 22).

O processo de urbanização aliado ao deslocamento social para a capital fez com que esse samba perdesse suas características originais para dar origem a outra forma de samba, muito influenciado pela estrutura carioca que priorizava as escolas de samba em detrimento dos cordões carnavalescos. Assim, a lógica da padronização urbana chega cada vez com mais força à medida que o samba, através do carnaval, se populariza e ganha adeptos até a oficialização da festa em 1968. Para Azevedo (2012), a urbanização em São Paulo determinou o entre-lugar das grandes transformações de onde emergiram culturas e tempos sociais definidos pela música



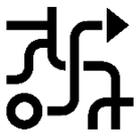
configurando as “áfricas em miniatura³” nos interstícios da cultura dominante. Um exemplo disso é a substituição do uso das frigideiras (que produziam um som muito mais metálico e baixo se comparado ao tamborim), o abandono das balizas à frente dos cordões carnavalescos, o uso da zabumba e a estrutura do samba paulista que perdeu a repetição de versos em coro.

Aquelas relações comunitárias típicas do samba rural ainda podem ser vistas em sambas de roda e ensaios de quadra (ambientes pequenos e espontâneos) que contrastam com o grande desfile e a organização da festa, bem como uma forte identificação com o território da escola, onde apenas quem morava no entorno frequentava (Marcelino, 2007, p. 137-140).

Esses exemplos de alterações do samba rural para o urbano podem ser encaixados nas alterações dos indivíduos rurais que migram para as cidades, tal como Wirth (1987) discute a substituição de contatos primários por secundários, o enfraquecimento dos laços de parentesco e a diminuição do significado social da família. Ele observa o desaparecimento da vizinhança e a corrosão das bases tradicionais da solidariedade social. Nessa transformação, os laços familiares são substituídos por laços sociais diversos, que nem sempre se baseiam em um espaço territorial fixo.

Contudo, é possível encontrar resquícios daquelas organizações antigas através dos carnavais realizados na Vila Esperança, próximo ao Metrô Vila Matilde, por ter o caráter de liberdade dos componentes e a livre circulação de foliões (Marcelino, 2007). Essa experiência pode mostrar como características antigas não somem, mas sim, se diluem mais ou menos intensamente a depender do aprofundamento dos processos culturais homogeneizantes, como a adoção de regras do carnaval carioca para a lógica do carnaval paulistano.

³ Azevedo (2010) utiliza o termo “áfricas” para designar os traços culturais específicos de grupos de influência africana, como costumes, gestos e cantos, que emergem no processo de urbanização e metropolização de uma cidade. Ele destaca que “Áfricas” no plural reflete a diversidade cultural, histórica e étnica do continente africano, contrapondo-se à visão de uma África homogênea. O autor esclarece o uso dos termos: “África” com “A” maiúsculo refere-se ao continente e suas populações, enquanto “áfricas” com “a” minúsculo é usado para explicar as vivências e memórias negras em São Paulo.

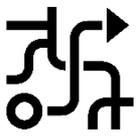


6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, abordou-se os processos e os contextos associados aos territórios do samba e de suas significâncias urbanas e rurais na cidade de São Paulo. Em seu surgimento e progressão histórica, o samba possui implicações na compreensão da urbanização e da conformação de territorialidades. Ao estudar sua história na cidade de São Paulo, pode-se avaliar como sua estrutura, seus movimentos migratórios, seu desenvolvimento financeiro-comercial e suas políticas urbanas definiram o que seria a metrópole que se firmaria em meados do século XX e de seus cordões carnavalescos, que mais tarde seriam as escolas de samba. Em bairros centrais e periféricos, a convivência entre segmentos raciais e étnicos heterogêneos e diversos foi a base para a organização dos primeiros territórios de samba na cidade, pautados por uma manifestação cultural que representa uma das formas de resistência negra.

Dessa forma, não é surpreendente a riqueza do samba da terra da garoa e sua diversidade de elementos, eventos e subjetividades, sendo um elemento marcante da história da capital paulista. A partir do estudo do território, tornou-se possível o estabelecimento da dialética existente entre os territórios do samba e os territórios urbanos e rurais. Ademais, pode-se perceber a relação intrínseca do diálogo entre a história da formação histórica paulistana e do surgimento do samba como manifestação cultural da periferia com a integração dos “sambistas contemporâneos” às dinâmicas atuais.

O samba atravessou diversas dinâmicas, da origem na batucada da senzala à indústria carnavalesca como uma das manifestações musicais sambistas, adequando a arte ao desenvolvimento econômico e social local, e evoluindo, seguindo tendências estéticas e inclinações musicais. Assim, ao pesquisar o samba na constituição do processo de urbanização e conformação de territorialidades na cidade de São Paulo, percebe-se a cidade paulistana como lugar e espaço de vínculos de sociabilidade e pertencimento em sua coletividade ao longo das décadas e sua tendência de transformar o samba em um produto para o consumo cultural de ampla massa populacional, com destaque para o carnaval.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. R. A. “*Eu sou o samba*”: representações do gênero musical como ferramenta da construção da identidade nacional. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, 126p. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/8985>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

AZEVEDO, A. M. Os Sambas e as Áfricas em São Paulo na Voz de Geraldo Filme. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*. São Paulo, nº 40. Fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia05/>>. Acesso em: 16 mar 2024.

AZEVEDO, A. M. Sambas, orixás e arranha-céus: a música de Geraldo Filme. *Cadernos De Pesquisa Do CDHIS*. Uberlândia, v.25, n.1, p.47-69, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/20956/11201>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

AZEVEDO, A. M. São Paulo Negra: Geraldo Filme e a Geografia do Samba Paulista. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*. [S. l.], v. 6, n. 13, p. 313–328, 2014. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/164>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

BASTOS, Rafael José de Menezes. A origem do samba como invenção do Brasil (porque as canções têm música?). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 31, p. 156-177, 1996.

DIAS, F. F. Da proibição ao “resgate”: a cidade de Pirapora do Bom Jesus e os sambas de bumbo paulistas. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*. São Paulo, nº 40, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia01/texto01.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

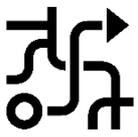
DOZENA, A. *O samba na constituição do processo de urbanização e conformação de territorialidades na cidade de São Paulo*. Universidade de São Paulo, 2009.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Rio de Janeiro: Editora 34, Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: Heidrich, Álvaro; Costa, Benhur; Pires, Cláudia e Ueda; Vanda. (Org.). *A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço*. 1ed. Canoas e Porto Alegre: Editora da ULBRA e Editora da UFRGS, 2008, p. 19-36.

HENGLER, C. I. O.; SALVADOR, M. A. Quilombos urbanos: A resistência cultural negra nas favelas de São Paulo. *Revista Educação em Foco*. Amparo, ano 6, p. 72-118, 2014.

MARCELINO, M. M. *Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia,



Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 169 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/D.8.2007.tde-23102007-141606>>. Acesso em: 6 dez. 2019.

MARTINS, M. P.; CHAGAS, P. B. Território, territorialização e territorialidade: proposta de avanço de chaves teóricas para a análise da(s) dinâmica(s) das cidades. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, [S. l.], v. 17, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/6067>>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. O samba e o carnaval paulistano. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 40, p. 1-10, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia06/texto06.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MUSSOLINI, G. Persistência e mudança em sociedades de "folk" no Brasil. *Cadernos de Campo*. São Paulo, v. 18, n. 18, p. 287-300, 30 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/45609/49208>>. Acesso em: 8 dez. 2019.

NAPOLITANO, M.; WASSERMAN, M.C. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.20, n.39, 2000, p.167–189. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882000000100007>>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ROLNIK, R.; CAMPOS, C. M.; NAKANO, K. Dinâmicas dos subespaços da área central de São Paulo. In: *Caminhos para o centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo*. São Paulo: PMSP/Cebrap/CEM, p. 123-158, 2004.

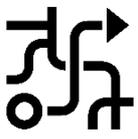
NERES, F. S. Processos de despossessão no território negro do samba: O Vai-Vai do Bixiga. In: *XX ENANPUR 2023 - Sessão Temática 12: Gênero, etnia e diversidade no campo e na cidade*. Belém: ENAPUR, 2023, não paginado. Disponível em: <<https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/05/st12-20.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ROLNIK, R. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, Cadernos Cândido Mendes, nº17, setembro de 1989, p.71-93.

SILVA, M. N. Território e raça: Fronteiras urbanas numa metrópole brasileira. *XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP*. Caxambu – MG – Brasil, setembro de 2006.

SOUZA, A. C. A origem do samba no Brasil. In: SOUZA, A. C., *Humanidades e Ciências Humanas: Uma reflexão social*. Ponta Grossa: Editora Atena, p.4-16, 2021.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987, p. 90-113.



Recebido em 20/03/2024

Aprovado em 03/07/2024